



O que significa “americano”? Uma análise dos *Fireside Chats* de Franklin Delano Roosevelt (1939-1941)

¹ Graduanda em História na Universidade de São Paulo e membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEME-USP). E-mail para contato: mariaemiliafrancasantos@usp.br.

Maria Emília França Santos¹ 

INTRODUÇÃO

Em 12 de março de 1933, Franklin Delano Roosevelt, empossado presidente dos Estados Unidos há apenas uma semana, foi à rádio para se endereçar aos cidadãos americanos no formato que se consagraria como o seu característico: o *Fireside Chat*. Utilizando-se de elementos da indústria cultural que se desenvolvia, os *Fireside Chats* eram discursos performados pelo próprio presidente por meio do rádio com o objetivo de tratar de assuntos referentes aos desafios e preocupações que faziam parte da opinião pública estadunidense. Ao iniciar esse projeto em 1933, seu objetivo inicial era reportar à população aquilo que vinha sendo feito pelo governo no sentido de reverter os prejuízos causados pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque e a crise a ela subsequente, ou seja, comunicar aos americanos as políticas do New Deal e instruí-los, além de tranquilizá-los, a respeito do que vinha acontecendo no país. Os *Fireside Chats*, porém, não se limitaram a essa finalidade — eles foram mobilizados por mais de dez anos, ao longo dos quatro mandatos do presidente, com os mais diversos propósitos, desde comunicar às massas a declaração do *Banking Holiday*² de 1933, até as discussões da política externa norte-americana no contexto da Segunda Guerra Mundial. O presidente, que vinha experimentando discursar no rádio desde seu anterior posto como governador de Nova Iorque, teve nesse meio de comunicação um dos maiores aliados na sua proposta de desenvolver uma nova forma de se relacionar com as massas.

O rádio, neste momento, ocupa um lugar particularmente interessante para a proposta que Roosevelt idealizava para seus discursos: permitia que ele “entrasse” na casa dos norte-americanos e que fosse construída uma relação especialmente íntima entre o presidente e os ouvintes. Suas declarações, cuidadosamente roteirizadas, eram especificamente pensadas de forma a priorizar frases simples e uma linguagem que o aproximasse do ouvinte. Os *Fireside Chats* mobilizaram elementos familiares ao *average citizen*, tratando de questões por vezes complexas em termos acessíveis e de forma que dialogassem com os principais valores da cultura americana (Ryfe, 1999), os quais discutiremos a seguir.

² Declaração abrupta de fechamento temporário dos bancos devido à alta demanda de saque após a crise advinda da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Cf. *Fireside Chat on Banking*, 12 de março de 1933. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents>

É com base na defesa destes valores que se justifica a escolha dos discursos aqui analisados: a iminência da Segunda Guerra Mundial favorece o posicionamento dos Estados Unidos como portador dos princípios que estariam sendo violados nesse contexto. Esta retórica que posiciona o país como aquele que conserva valores fundamentais diante do caos internacional constituirá parte essencial do conceito a que o presidente adere.

Nesse sentido, a concepção de “americano” compreendida nos discursos de Roosevelt encontra largo apoio em uma longa trajetória intelectual e política no país, associando esta identidade nacional a princípios entendidos como essencialmente americanos. Estes incluem “liberdade”, “igualdade”, “democracia”, “paz”, “humanidade”, “integridade” e “moralidade”, além de outras ideias centrais como a de religiosidade, especificamente cristã, e de “excepcionalidade”. Assim, os *Fireside Chats*, que elaboram a “americanidade” de acordo com estas concepções, evocam constantemente o senso de identidade da população que o escuta e, mobilizando amplamente o que significa ser parte dessa comunidade, nos permitem uma análise do conceito de “americano” do presidente nesses discursos.

Nos debruçaremos sobre as diferentes maneiras com que essas transmissões situarão os elementos principais dessa análise, sendo o conceito de “americano” — e de “americanidade” — seu cerne. Além destes, os demais conceitos supracitados podem ser articulados paralelamente, o que revelará uma rede de valores presentes nos discursos do presidente, mas nunca exclusivos a eles. Isso nos permitirá analisar como os *Fireside Chats* compreendem as concepções identitárias do país no momento de sua transmissão, como a concepção de Roosevelt está inserida numa longa tradição intelectual americana e como é possível observá-la diacronicamente em suas influências no cenário estadunidense ao longo do tempo.

Para fazer um estudo do conceito de “americano” nos discursos dos *Fireside Chats* de Roosevelt, será necessário estabelecer as bases metodológicas do estudo dos conceitos que construirão a análise a ser traçada. Partindo das bases estabelecidas pelos expoentes da chamada História Conceitual, temos que a linguagem constitui um elemento absolutamente incontornável da compreensão da realidade, ou seja, que a realidade extra-linguística passará sempre pela linguística. Nesse contexto, os conceitos não são simples palavras, mas “palavras atrativas” que estabelecem relações entre os termos, criam redes conceituais e carregam múltiplos significados a depender de como ou por quem são mobilizados (Koselleck, 2006). Esta última é uma máxima incontornável da constituição de um conceito: uma palavra só se torna um conceito por ter mais de um significado.

Javier Fernández Sebastián destaca que é em vão procurar nessas palavras algum tipo de “significado autêntico”. Não existem significados perenes e não existem ideias “desencarnadas”: os conceitos terão significados diversos entre as diferentes pessoas que os mobilizam, uma vez que frequentemente não dizem respeito somente à História, mas à nossa realidade. Assim, os significados atribuídos aos conceitos estarão necessariamente atrelados à experiência humana e ao âmbito afetivo que a ela se relaciona (Fernández Sebastián, 2023).

Tomemos como exemplos deste fenômeno linguístico as palavras “cadeira” e, em seguida, “liberdade”. É possível afirmar que “cadeira” mobiliza significados bastante objetivos: ao escutar essa palavra, o interlocutor será levado a considerar um elemento material bastante corriqueiro e cuja natureza tende a não ser nada controversa. Pode-se considerar que duas pessoas, ao encontrarem a palavra “cadeira”, imaginem objetos de aparência ou material distintos, mas a concepção de “cadeira” de uma pessoa dificilmente desafiaria aquela de outra pessoa — elas seriam diferentes formas de imaginar uma categoria comum. Agora, façamos o mesmo exercício com a palavra “liberdade”. Torna-se evidente que, apesar de poder mobilizar sentimentos e concepções comuns a mais de uma pessoa, “liberdade” toma o aspecto de conceito pelo fato de que a esta mesma palavra podem ser atribuídos significados profundamente díspares, além de que estas concepções têm grande potencial de integrar aspectos afetivos que dizem respeito à vida e experiências específicas de cada interlocutor.

Assim, por receberem diversos significados que, como aponta Fernández Sebastián, não são perenes e são particulares aos indivíduos, os conceitos configuram uma unidade de análise relevante para a História. Estes devem, portanto, ser historicizados e analisados, também, em sua relação com a realidade e as pessoas ao longo do tempo. Com isso, é possível estabelecer que a ideia de “americano”, que será analisada no escopo deste trabalho, constitui também um conceito. Isso torna-se evidente ao entender que “americano” é mais do que um gentílico: carrega consigo uma concepção altamente específica de valores, crenças, hábitos e visões de mundo dos indivíduos que designa, além de relacionar-se de formas diferentes aos distintos grupos sociais que podem entender-se dentro desta denominação ou sentirem-se alheios a ela. É fato que, levando em conta a sociedade complexa a que as transmissões se dirigiam, “americano” tem de ser considerado como um termo polissêmico. A identidade do indivíduo relaciona-se profundamente com suas experiências particulares e a imagem que os americanos têm de sua “americanidade” também passa por esse fator. Os *Chats* de Roosevelt precisam ser entendidos como um recurso de reforço de identidades que extrapolam o individual e que, coletivamente, se beneficiam de uma abordagem homogeneizante, eliminando contradições e favorecendo a forja de uma comunidade nacional.

Ainda, importa notar que as transmissões, por serem realizadas pelo presidente dos Estados Unidos, adquirem um caráter de importância particular. Isso porque, na análise do discurso linguístico, analisar quem fala pode tornar-se um elemento de maior importância que o conteúdo em si, desde que ambas as partes reconheçam a hierarquia que está posta (Bourdieu, 1982). Estes discursos, portanto, são dotados de produtores e consumidores que estão inscritos a relações de classe, formas de poder e dominação social. (Bourdieu, 1982) Dado que o interlocutor é o cidadão americano e o locutor é o seu presidente eleito, há uma clara necessidade de notar a importância da posição de Roosevelt enquanto o enunciador desses discursos, que não deixam de ser altamente pedagógicos.

A análise a ser descrita neste trabalho suscita, necessariamente, a desnaturalização da linguagem. Isso quer dizer que, fazendo História dos Conceitos, é necessário refletir sobre as implicações das palavras, em especial ao tratar de termos que dizem respeito à realidade do seu intérprete. Assim, entender a linguagem como um fenômeno humano e fundamental para a ordenação e compreensão do mundo — ou seja, não tê-la por natural — torna-se um pré-requisito fundamental para o seu estudo (Foucault, 1966). Com o conceito de “americano”, não será diferente.

OS FIRESIDE CHATS E A “AMERICANIDADE”

“My fellow Americans and my friends: tonight my single duty is to speak to the whole of America”. A fala inicial do *Fireside Chat* transmitido em 3 de setembro de 1939 revela uma tendência típica dos discursos de Delano Roosevelt: há um evidente esforço do presidente de apresentar-se em par de igualdade aos seus ouvintes. Roosevelt escolheu destacar a sua filiação à mesma identidade daqueles que o escutam (“my fellow Americans”) e, conseqüentemente, às mesmas dificuldades que enfrentavam. Mais do que isso, após seis anos ocupando este cargo e colocando em prática o mais robusto esquema de publicidade da política americana até então, o presidente dos Estados Unidos endereça os ouvintes como *friends*.

Esta transmissão aconteceu apenas dois dias após a invasão da Alemanha à Polônia, fruto do descontentamento nazista com a resistência de Varsóvia em relação aos seus ultimatos, fazendo da Polônia o principal obstáculo recalcitrante na investida alemã pela Europa Oriental (Keylor, 1984). Este contexto, que ultimamente suscita a reação internacional que culmina na Segunda Guerra Mundial, leva Roosevelt a discutir a posição dos Estados Unidos no cenário da política externa que apontava cada vez mais para uma guerra de grandes proporções. O presidente expressa aquilo que será característico da narrativa

nacional estadunidense à época: visualizam-se como uma comunidade pacífica e moral que precisa defender a restauração da paz no mundo; este seria um dever essencialmente americano. Roosevelt, portanto, sai em defesa destes princípios, que também ressoam com a identidade dos ouvintes:

In spite of spreading wars I think that we have every right and every reason to maintain as a national policy the fundamental moralities, the teachings of religion and the continuation of efforts to restore peace — for some day, though the time may be distant, we can be of even greater help to a crippled humanity (*Fireside Chat*, 3 de set., 1939).

Diante do caos da guerra, Roosevelt entende como direito estadunidense a manutenção das “moralidades fundamentais” e dos ensinamentos da religião como orientadoras da política nacional, afirmando a íntima relação entre americanidade e integridade, justiça e religiosidade (cristã). Além disso, ao entender a manutenção desses princípios como um direito e ao declarar que seria um dever estadunidense a restauração da paz e o oferecimento de ajuda a uma “humanidade mutilada”, os Estados Unidos são entendidos como uma nação que deve se autodeterminar, e determinar, também, uma suposta restauração futura da justiça no mundo, liderando essa resposta e oferecendo ajuda às outras nações. Esta posição estadunidense pode ser entendida como sendo justificada por uma maior aptidão do país a desempenhar esse papel, o que é destacado fundamentalmente como uma consequência da justiça, excelência e retidão moral americana denotadas na fala do presidente.

Ainda, Roosevelt afirma que os estadunidenses são a população mais bem informada do mundo naquele momento, pois não haveria nenhum tipo de censura sobre as informações a que tinham acesso. Por isso, é feito um apelo para que os americanos não acreditem em rumores espalhados maldosamente e é afirmado que os maiores inimigos à paz nos Estados Unidos são aqueles que fazem julgamentos e comentários precipitados das situações. Com essas declarações, Roosevelt está, essencialmente, pedindo aos ouvintes que acreditem em seu governo, por meio da mobilização de uma ideia de unidade nacional e ação conjunta. Novamente enquadrando a “americanidade” como um desígnio de pessoas íntegras, os “inimigos nacionais” apontados por Roosevelt não seriam traidores somente dos esforços governamentais para o estabelecimento de políticas efetivas, mas traidores de uma nação de pessoas boas, justas e honestas que empreendem um esforço real e conjunto de superar as dificuldades do período.

O discurso, então, faz algumas das mais claras afirmações da narrativa incitada pelo governante estadunidense como justificativa para as atitudes que serão tomadas pelo país:

Most of us in the United States believe in spiritual values. Most of us, regardless of what church we belong to, believe in the spirit of the New Testament — a great teaching which opposes itself to the use of force, of armed force, of marching armies and falling bombs. The overwhelming masses of our people seek peace — peace at home, and the kind of peace in other lands which will not jeopardize our peace at home. We have certain ideas and certain ideals of national safety, and we must act to preserve that safety today, and to preserve the safety of our children in future years (*Fireside Chat*, 3 de set., 1939).

Aqui, Roosevelt presume a religiosidade cristã dos ouvintes ao afirmar a crença nos valores do Novo Testamento e emocionaliza esse discurso, justificando que, apesar da moral dos estadunidenses ser essencialmente anti “uso da força”, esse seria o custo da paz nas famílias de cada um dos ouvintes diante do cenário de guerra. Ele traz, portanto, um problema de grandíssima escala e alta complexidade, como a segurança nacional, para a esfera individual, familiar e afetiva do ouvinte. Por fim, a transmissão mobiliza o passado do país: é mencionado George Washington como alguém que teria defendido os mesmos ideais de proteção do território norte-americano. A legitimação que essa figura constitui ao discurso passa pela perene e efervescente tendência norte-americana de honrar os *Founding Fathers*, aqueles que teriam primeiro estabelecido os princípios do grande país de que reconhecem fazer parte (Junqueira, 2023).

Roosevelt mobiliza uma ideia bastante clara do conceito que analisamos: para ele, o americano é cidadão do país que defende a paz em meio aos propagadores do caos. É uma pessoa que responde aos deveres morais, especialmente aos cristãos, e é respeitoso e honroso do seu passado glorioso. É alguém que tem como dever patriótico apoiar o governo que garantirá a segurança das famílias. É, acima de tudo, uma pessoa altamente privilegiada por ser chamada de “americana” nesse momento da história.

O *Fireside Chat* seguinte, transmitido em 26 de maio de 1940, descreve o seu contexto como um momento de tristeza para grande parte do mundo. Isso porque, nos dias que o antecederam, o exército nazista iniciou o ataque à Bélgica e à França, vítimas das empreitadas de Hitler pelo domínio europeu. Não só isso, como argumenta Anthony Best: particularmente para os franceses, o difícil período que se inicia em maio marca, além do fim da Terceira República, uma ameaça definitiva aos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade da sua Revolução (Best, 2008), que não deixam de ressoar com os princípios americanos. Esta transmissão, portanto, dedica-se a discutir em relativo detalhe as políticas armamentistas do governo Roosevelt. Além de reportar essas informações, o programa continua evocando os valores que são reconhecidos como o cerne da identidade nacional. O presidente condena aqueles que deliberadamente fecham os olhos para a importância da situação e dos investimentos que

têm sido feitos pelo país. Para isso, o discurso cautelosamente classifica estes como “a few among us”, que se opõem aos “many among us”, e que o fazem por sincera ignorância. Assim, esta fala entra de acordo com um frequente artifício dos *Fireside Chats* que consiste em reafirmar aos americanos quem eles são: uma nação coletivamente boa. Deixa-se a má intenção e a maldade deliberada para a *few bad people*, ou seja, verdadeiras exceções dentro de um país íntegro.

Esta transmissão vai continuamente mobilizar a ideia de uma “sociedade livre” como amplamente associada à América conhecida pelos americanos. Na tentativa de angariar apoio público ao esforço de guerra que os Estados Unidos vinham organizando, era essencial lembrar aos cidadãos daquilo que eles tinham a proteger. Nesse sentido, o presidente declara:

For more than three centuries we Americans have been building on this continent a free society, a society in which the promise of the human spirit may find fulfillment. Commingled here are the blood and genius of all the peoples of the world who have sought this promise. We have built well. We are continuing our efforts to bring the blessings of a free society, of a free and productive economic system, to every family in the land. This is the promise of America. It is this that we must continue to build — this that we must continue to defend (*Fireside Chat*, 26 de maio, 1940).

Novamente mobilizando a ideia de honra ao árduo trabalho de construção do país, a liberdade é destacada como um bem precioso e ancestral a ser defendido a todo custo. É importante destacar que a ideia de liberdade é, também, amplamente relacionada à ideia de oportunidade, que, por sua vez, constitui uma importantíssima parte da essência identitária forjada ao longo da história do país. Essa é a promessa da América, diz o presidente. Os Estados Unidos enxergam-se essencialmente como a “terra das oportunidades” desde a sua fundação. A concepção de que a América teria uma distinta capacidade de oferecer enriquecimento aos seus habitantes como uma recompensa do trabalho pode ser rastreada até os escritos de Adam Smith e Benjamin Franklin, constituindo uma longa tradição de pensamento no país e sobre o país (Greene, 1993). O discurso finaliza: esses são os Estados Unidos que precisam ser protegidos.

O presidente reitera que o dever de defender esses princípios é uma “tarefa nobre”, que será concretizada não só em favor dos norte-americanos, mas de toda a humanidade. Assim, Roosevelt toma parte em uma noção recorrente que entende que a excelência do país o faria responsável por lutar pela liberdade que só ele pode defender para si e para o mundo. Por último, o líder norte-americano compartilha que esteve em incessantes orações pela causa que vem defendendo e diz não ser necessário pedir que o país o acompanhe nessa prática, pois já tem certeza que o fazem. Dessa maneira, é novamente tra-

cada uma íntima relação da visão de mundo estadunidense com a religiosidade, além de continuar a tarefa de reafirmar aos ouvintes uma identidade a ser mantida — os americanos são colocados como uma comunidade profundamente unida e liderada pelos mesmos princípios que, por sua vez, parecem ter algo de inerente nessa nação.

Finalmente, o terceiro *Fireside Chat* a ser analisado, transmitido em 9 de dezembro de 1941, destacou a vigência de uma “imoralidade internacional” após o ataque Japonês à Pearl Harbour, ocorrido apenas dois dias antes do discurso. Roosevelt critica o *modus operandi* do Eixo, que estaria apresentando um padrão de desrespeito à “common decency” ao realizar repetidos ataques sem aviso prévio. O presidente anuncia:

We are now in this war. We are all in it - all the way. Every single man, woman, and child is a partner in the most tremendous undertaking of our American history. We must share together the bad news and the good news, the defeats and the victories — the changing fortunes of war (*Fireside Chat*, 9 de dez., 1941).

O presidente, declarando oficialmente a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, afirma a necessidade de uma unidade nacional que envolve integralmente a população americana (“every single man, woman and child”) e a torna também responsável pelo sucesso da empreitada, que há de resultar bem sucedida para a honrosa história americana. Roosevelt afirma que o governo estaria colocando grande confiança na capacidade da população americana de suportar estes próximos tempos, que não prometiam ser fáceis. Nisto, o presidente assegura aos ouvintes que cada um deles seria essencial para o futuro do país e que esforçar-se em direção a esse objetivo não seria um sacrifício, mas um grande e verdadeiro privilégio. Nesse contexto, o roteiro utiliza novamente um recurso empregado frequentemente nas transmissões do presidente: no lugar de *pedir* que os americanos tomem certas atitudes, Roosevelt cria um senso de obrigação no ouvinte ao *declarar* que tinha certeza que essas atitudes seriam tomadas. Isso viria da concepção impressa nos discursos, que colocam esse tipo de conduta como “natural” e característica do americano:

And I am sure that the people in every part of the Nation are prepared in their individual living to win this war. I am sure that they will cheerfully help to pay a large part of its financial cost while it goes on. I am sure they will cheerfully give up those material things that they are asked to give up. And I am sure that they will retain all those great spiritual things without which we cannot win through (*Fireside Chat*, 9 de dez., 1941).

O presidente, ao expressar que tem certeza de que os americanos atuarão da maneira que imagina, entende uma homogeneidade nessa comunidade, que possuiria, portanto, uma conduta comum. Assim, mais uma vez, a narrativa

a que Roosevelt parece aderir coloca os estadunidenses como uma nação marcadamente unida, leal, trabalhadora e dedicada ao bem comum — todas essas aparentam ser características inerentes àqueles cidadãos. O presidente, então, caminha para o fim da transmissão que colocou os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, defendendo que esta decisão foi tomada em prol de um mundo futuro em que aquilo que os Estados Unidos representam terá espaço e em que as crianças estarão a salvo. Aqui, “aquilo que os Estados Unidos representam” não precisa de aposto. O sucesso da narrativa que o presidente coloca à frente está no fato de que todo americano entende a que ele se refere — liberdade; igualdade; democracia; cristandade. É necessário observar, também, como o discurso transfere o problema da entrada na guerra para um campo altamente afetivo: a defesa das crianças.

Finalmente, o *Chat* termina com a reiteração do papel essencial dos Estados Unidos na criação de um futuro pacífico, também, para o restante do mundo. Hitler e Mussolini, os antagonistas da narrativa do presidente, precisam ser impedidos em seus objetivos — e os americanos serão aqueles a fazê-lo: “For in representing our cause, we represent theirs as well — our hope and their hope for liberty under God” (*Fireside Chat*, 9 de dez., 1941).

Interessa discutir, ainda, a sonoridade dos *Fireside Chats* aqui analisados. O presidente, preocupado com a inteligibilidade dos discursos, teria como hábito o cálculo minucioso da enunciação, de forma que sua mensagem pudesse ser efetivamente compreendida e absorvida pela audiência (Ryfe, 1999). Para além da escolha de palavras pouco complexas, a pronúncia do presidente reitera a qualidade acessível do discurso e assegura que as seções mais importantes da fala não sejam perdidas pelos ouvintes. Assim, frases com maior potencial de ressoar com o público e de transmitir claramente a mensagem desejada tendem a ser enunciadas mais pausadamente, conferindo ênfase às partes centrais da fala.

Os discursos analisados, de maneira geral, não costumam ter grandes variações em ritmo e ênfase. Mesmo as chamadas “palavras-forte” do discurso ou o próprio conceito aqui analisado não são particularmente enfatizados, mas há algumas exceções: ênfases claras em entonação são dadas, por exemplo, às palavras “moral” e “right” no primeiro e segundo discursos analisados, respectivamente, destacando alguns dos valores que ressoariam com os americanos. Além disso, ao discutir a hipótese de alguns cidadãos quererem enriquecer por meio da guerra, o presidente diz que estariam tentando tornar-se “rich and fat”, com entonação que denota uma ideia de desprezo em relação a esta postura. Logo após essa frase, explora o absurdo desta possibilidade dando ênfase, em voz ligeiramente mais grave, ao “blood and slaughter and human suffering” da guerra, contrastando este cenário com o que seria uma atitude desumana e reforçando a ideia do que seria o *average citizen*: uma pessoa ultimamente reta e

comprometida com valores morais. Assim, o presidente apoia a construção da sua ideia de “americano” por meio da escolha pouco frequente, mas deliberada, de conferir ênfase em entonação ou ritmo a determinadas palavras ou frases.

É necessário entender que o discurso de Roosevelt não mobiliza qualquer tipo de coletividade, mas um ideal de nação, a qual compreende um grupo de pessoas que, apesar de sua heterogeneidade, reconhece possuir um elo de similaridade. Fazer parte de uma nação, portanto, diz respeito a identificar características que não só fabricam uma coletividade, como a diferencia das demais (Pimenta, 2024). No caso dos discursos aqui analisados, este entendimento de distinção vem especialmente acompanhado da ideia de excepcionalidade diante dos demais países, fazendo do papel de liderança dos americanos o resultado natural daquilo que Roosevelt parece entender como uma maior aptidão dos Estados Unidos a fazê-lo. A identidade nacional que é reforçada pelas falas do presidente, dessa maneira, pode ser instrumentalizada tendo em vista o propósito de incentivar a ação conjunta que seria necessária nesse momento de sua história. Ainda que o indivíduo não esteja constantemente considerando o seu pertencimento à essa identidade, como coloca João Paulo Pimenta, “basta que ela esteja disponível, pronta para quando for necessário” (Pimenta, 2024, p. 17).

Esta “comunidade imaginada”, como define Benedict Anderson, é ainda melhor reforçada por meio dos mecanismos da comunicação social. Se Anderson, em sua obra, trata especialmente do impacto dos jornais impressos na fabricação destas comunidades, o rádio pode ser similarmente relacionado a este mesmo fenômeno, inclusive no caso dos *Fireside Chats*: “Cada participante dessa cerimônia tem clara consciência de que ela está sendo repetida simultaneamente por milhares (ou milhões) de pessoas cuja existência lhe é indubitável, mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida” (Anderson, 2008, p. 68).

Nos discursos aqui analisados, Franklin Delano Roosevelt utiliza-se repetidamente de um significado de “americano” que, como argumentado, ultrapassa a simples nomeação da população que governa. Como veremos, as falas mobilizam uma concepção de “americanidade” muito mais antiga que o presidente. Ela converge com uma longa trajetória intelectual do país, cuja difusão tem papel importante na forja do sentimento nacional da *British America* como uma unidade separada de suas origens inglesas.

A fundação dos Estados Unidos enquanto o país que hoje conhecemos é marcada pelo rompimento das primeiras colônias europeias com a Coroa inglesa, em 1776, processo gradual de assimilação da nova identidade americana não mais inglesa (Junqueira, 2023). Assim, a construção simbólica da América suscita a necessidade de criação de uma identidade comum. A narrativa da nação americana gradualmente adotou, portanto, elementos compartilhados

que são, até hoje, constituintes identitários incontornáveis, mesmo que tenham se transformado ao longo do tempo. Desde seu princípio, a América constitui um significado maior que o geográfico: diz respeito às concepções e características atreladas àquele espaço pelos seus contemporâneos, que o definem, também, segundo as suas aspirações de futuro (Greene, 1993).

Uma das principais características desta “americanidade” à qual Roosevelt continuamente faz referência é a reverência aos chamados *Founding Fathers*, os homens que seriam responsáveis pela fundação do país. Não seriam somente políticos, mas homens excepcionais e ilustrados que entram para uma galeria de heróis nacionais e garantem aos americanos uma filiação comum. Aliada à esta espécie de panteão norte-americano está a narrativa relativa aos primeiros peregrinos puritanos vindos da Inglaterra, cuja viagem foi repetidamente comparada à travessia do povo Hebreu no Mar Vermelho em busca da Terra Prometida, dando aos Estados Unidos, conseqüentemente, o *status* de Terra Prometida, e aos americanos, naturalmente, o de povo eleito (Junqueira, 2023). Estes paralelos serão exaustivamente repetidos ao longo de toda a história do país e reforçados pelos discursos políticos de inúmeros presidentes americanos, inclusive por Roosevelt, que fala reiteradamente da nação americana dentro desse ideal de distinção. A historiadora Mary Anne Junqueira argumenta:

Um povo eleito por Deus mostraria para a humanidade como constituir um país com base em princípios éticos e moralmente virtuosos essa seria sua missão providencial. Consolidava-se a ideia de excepcionalismo norte-americano, isto é, uma nação com um projeto único e esplêndido. Tal qual um farol para o mundo, aqueles homens acreditavam que estavam criando não só um sistema inédito como também de alcance universal. Uma criação única, modelo que iniciavam e que a humanidade, inevitavelmente, seguiria (Junqueira, 2023, p. 47, 48).

A ideia de excepcionalismo norte-americano torna-se absolutamente central para a narrativa da nação americana³. Essa crença estaria fundamentada na pressuposição de uma “isenção histórica” dos Estados Unidos em relação aos “padrões fixos” de desenvolvimento histórico a que o restante do mundo estaria sujeito, uma vez que a América, supostamente moderna desde o princípio, teria as condições de estar um passo à frente do restante (Greene, 1993, p. 201). Os discursos de Roosevelt destacam continuamente um entendimento de superioridade dos Estados Unidos em relação ao restante do mundo segundo os mais diversos critérios, o que também os responsabiliza por uma tomada de ação que só pode dizer respeito a eles no contexto das transmissões analisadas.

Uma análise diacrônica do conceito de “americano” permite dar destaque para os significados que foram atribuídos à “americanidade” ao longo da história do país. Esta concepção esteve e se mantém sob contínuas mudanças,

3 Vale precisar que o sentimento de distinção não é exclusivo à nação estadunidense, mas um elemento constituinte da elaboração das identidades nacionais. Ainda assim, entendo que o cenário norte-americano é marcado pela centralidade singular do elemento de excepcionalidade, não somente de distinção. A nacionalidade americana se desenvolve especificamente de forma que o estadunidense entenda que não é somente distinto, mas notavelmente superior, “escolhido” para ocupar este lugar de liderança e naturalmente isento de circunstâncias que seriam comuns aos outros países. Cf. GREENE, Jack P. *The Intellectual Construction of America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1993

mesmo que o cerne de suas ideias possa ser rastreado a bases intelectuais convergentes. Essas convergências foram reforçadas em contextos amplamente diferentes por autores como Alexis de Tocqueville, de *A Democracia na América* (1835), e Gunnar Myrdal, de *An American Dilemma* (1944). Mesmo adaptadas às idiossincrasias de seus próprios tempos, ambos os autores utilizam-se dos fundamentos básicos de uma mesma tradição de pensamento, que, por sua vez, define grande parte dos ideais de “americanidade” que Roosevelt compreende nos discursos. Tocqueville produziu a análise mais clássica da política americana, cujas ideias principais giram em torno das condições particularmente livres e igualitárias em que o país nasceu, constituindo um “estágio avançado” no estado democrático (Smith, 1993). Myrdal, por sua vez, mais de cem anos depois de Tocqueville, adapta os mesmos paradigmas às questões de sua contemporaneidade — em especial o que chama de “o problema do negro” — e elabora uma importante definição do que seria o fator definidor de pertencimento ao desígnio de “americano”: o *American Creed*. Este “credo” faria referência a uma série de valores que constituiriam uma identidade particularmente americana, possibilitada pela racionalidade, moralismo e fé na humanidade (Myrdal, 1944, p. 46).

Estas observações, porém, possuem contradições ao considerar um escopo da realidade dos Estados Unidos que incluía a existência da segregação racial e da subjugação indígena, por exemplo. Essas inconsistências são reconhecidas pelos autores, mas não são tidas como grandes o suficiente para dismantelar as concepções fundamentais que têm da “americanidade”. A análise de Tocqueville, que pinta a democracia estadunidense como verdadeiramente excepcional e igualitária diante do resto do mundo, está situada dentro do seu próprio parâmetro das hierarquias políticas europeias à época (Smith, 1993). Já Myrdal vai entender que o “problema do negro”, apesar de fabricar uma inconsistência no que seria um país igualitário, daria o preconceito como característico apenas de “alguns brancos pobres” com pouca educação, cujos valores ainda estão subscritos ao *Creed*. Similarmente, Tocqueville enxerga a questão racial como uma exceção ao caráter democrático do país.

Uma terceira visão a ser destacada pertence à nuance de raça nos Estados Unidos, fator incontornavelmente determinante à identidade do indivíduo. Em seu livro “As Almas do Povo Negro”, publicado originalmente em 1903, William Du Bois, importante intelectual afro-americano, escreveu:

É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade — é um norte-americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio

[...] Ele simplesmente deseja tornar possível para um homem ser ao mesmo tempo negro e norte-americano, sem ser insultado ou escarrado por seus compatriotas, sem ter as portas da oportunidade batidas de forma brusca em sua cara (DU BOIS, 2021, p. 21, 22).

A dualidade com que o negro lidaria cotidianamente no entendimento de sua identidade, segundo Du Bois, constitui inclusive uma separação de suas subscrições identitárias: norte-americano; negro. Isso porque, de maneira bastante concreta, a “americanidade” sempre esteve amplamente relacionada aos parâmetros WASP (White, Anglo-saxon, Protestant), que alienam, entre outros grupos, os negros americanos. A cristandade (especialmente protestante), outro elemento do que seria essencialmente americano, também é uma contínua referência de Roosevelt, tendo por mais evidente ocorrência a fala do *Fireside Chat* de 3 de setembro de 1939: “Most of us, regardless of what church we belong to, believe in the spirit of the New Testament”. Nesse sentido, entende-se que o ideal de “americanidade” utilizado por Roosevelt reflete uma característica fundamental das coletividades nacionais: “são tanto inclusivas quanto excludentes” (Pimenta, 2024).

A identidade nacional é singular como um tipo de identidade coletiva pelo seu poder de ser manipulada institucionalmente. Ela pode levar a uma hostilidade em relação àquilo que é de fora, à complacência com políticas governamentais, a uma maior disposição a fazer sacrifícios pela coletividade, entre outros fatores. Esta deve ser uma característica central das democracias liberais, que precisam convencer seus membros de sua distinção, porque apenas a partir disso seria possível nutrir seus fundamentos (Schildkraut, 2014). Nos Estados Unidos a situação não é diferente. A ideia deste pertencimento à coletividade americana faz-se fundamental no discurso de Roosevelt, uma vez que o líder expressa depender desse exato sentimento de unidade e cooperação nacional para que as empreitadas do governo americano sejam bem sucedidas: “Every single man, woman, and child is a partner in the most tremendous undertaking of our American history” (*Fireside Chat*, 9 de dez., 1941).

É necessário questionar os ideais de unidade nacional que Roosevelt parece enxergar em seus discursos. Num contexto em que as leis de segregação racial, as chamadas *Jim Crow Laws* (1877-1954), estavam em total vigor, interessa perguntar-se como deve ser lida a extensão dos valores a que os ouvintes se inscrevem. A identidade racial nos Estados Unidos, portanto, evidencia que os conceitos de “liberdade”, “igualdade” e “democracia” valem para *alguns* estadunidenses (Junqueira, 2023). Não há uma única maneira de ser americano, mas Roosevelt mobiliza uma ideia uniformizante com fins deliberados de provocar um sentimento nacional que é suscitado pela narrativa reiterada em seu discurso. Esta narrativa não pode ser entendida como hegemônica, nem pode-

-se dizer que todos os estadunidenses concordavam com ela, mas é fato que ela constitui um fator invariável daquilo que os americanos foram ensinados sobre a América (Junqueira, 2023).

A “americanidade” para Roosevelt, portanto, não constitui nenhum tipo de inovação em conceitualização. As falas do presidente vivem sob a égide de uma altamente bem fundamentada narrativa nacional. O conceito de “americano”, muito bem apoiado por uma trajetória intelectual e política no país, constitui uma rede conceitual com “liberdade”, “igualdade”, “democracia”, “paz”, “humanidade”, “integridade”, “moralidade”, entre outros. Isso quer dizer que, na concepção continuada por Roosevelt em seus discursos, ser americano significa acreditar nesses valores, além de que, de partida, ser estadunidense à época das transmissões já daria a essa privilegiada parcela da humanidade a oportunidade de viver numa sociedade não só regida por esses princípios mas, segundo esta retórica, immanentemente atrelada a eles.

Ao afirmar que “the influence of America should be consistent in seeking for humanity a final peace” (*Fireside Chat*, 3 de set., 1939), Roosevelt reforça tanto o valor da excepcionalidade norte-americana, que faria dos Estados Unidos os responsáveis — ou os únicos capazes — de cumprir com esta difícil tarefa, como reforça o lugar dos conceitos de “paz” e “humanidade” na rede conceitual de “americano”. Ao pontuar “we are continuing our efforts to bring the blessings of a free society, of a free and productive economic system, to every family in the land. This is the promise of America” (*Fireside Chat*, 26 de maio, 1940), o presidente reforça o conceito de “liberdade”, ainda associando fundamentalmente o ideal americano à existência de abundantes e iguais oportunidades no país. A todo momento nas transmissões analisadas, Delano Roosevelt evoca estas mesmas associações, as quais servem a um propósito específico de promover a identificação dos ouvintes com uma narrativa que está longe de lhes ser estranha.

CONCLUSÃO

Os *Fireside Chats*, recursos comunicativos do governo de Franklin Delano Roosevelt, idealizados como formas de aproximar o presidente das massas e comunicar questões importantes à população ao decorrer dos anos que passou na presidência, utilizaram-se continuamente dos parâmetros historicamente construídos do que significa ser americano. Assim, a maneira de Roosevelt conceituar a “americanidade” está amplamente apoiada na trajetória intelectual que cercou os processos constitutivos da história dos Estados Unidos, em todas as suas contradições. Esse ideal não foi criado pelo 32º presidente americano, pelo contrário, ele o precedeu por mais de dois séculos.

Estes elementos, portanto, são parte de uma mobilização e instrumentalização deliberada de uma narrativa com a qual os americanos já estavam muito bem familiarizados. Dentro desta lógica, ser americano é ser livre, honesto, íntegro, trabalhador; é defender a liberdade, a igualdade, a paz; é ter oportunidades e privilégios. Acima de tudo, ser americano é ser parte de um grupo de pessoas marcadamente distintas e excepcionais.

Isto, porém, não quer dizer que os ouvintes estivessem em iguais condições de entender e reconhecer estes elementos da “americanidade” em seus próprios contextos. Como vimos, estes ideais forjadores de uma identidade nacional não correspondem a uma realidade realmente uniforme no relativo à vigência desses princípios. Pelo contrário, o contexto das próprias transmissões analisadas é marcado pelas leis de segregação racial, que determinavam que entre os cidadãos brancos e os cidadãos negros americanos haveria alguma diferença tão fundamental que esta impeliria os espaços públicos a serem setorizados entre eles. Essa identidade, nos discursos políticos, tem de ser homogeneizante, apesar da indiscutível polissemia do conceito de “americano” diante da realidade estadunidense.

As falas do presidente, limitadas à construção de uma narrativa necessariamente positiva sobre o americano, servem às necessidades impelidas pelo contexto de uma crise internacional que lhes exigiria a cooperação e a ação conjunta. Assim, o conceito de “americano” para Franklin Delano Roosevelt apresenta a crença em características fundamentais dessa população, que frequentemente aparecem como elementos inerentes à nacionalidade. Apoiado por uma tradição de pensamento que estabeleceu as bases para as concepções expressas nos discursos, o presidente entende que, a despeito de quaisquer circunstâncias, o americano é essencialmente livre, igual, democrático, cristão, íntegro e excepcional.

Fontes:

Fireside Chat de 3 de setembro de 1939. Disponível em: www.presidency.ucsb.edu/documents.

Fireside Chat de 26 de maio de 1940. Disponível em: www.presidency.ucsb.edu/documents.

Fireside Chat de 9 de dezembro de 1941. Disponível em: www.presidency.ucsb.edu/documents.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 35-83.

- BEST, Anthony et al. *International history of the twentieth century and beyond*. 2. ed. London: Routledge, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. A formação dos preços e a antecipação dos lucros. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 2022. p. 53-78.
- DU BOIS, W. E. B. *As almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021. p. 21-22.
- FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Significados ao longo do tempo. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (org.). *História conceitual no Atlântico ibérico: linguagens, tempos, revoluções*. São Paulo: Hucitec, 2023. p. 53-71.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio. In: FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, [1966]. p. 3-13.
- GREENE, Jack P. *The intellectual construction of America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1993.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: estado nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. São Paulo: Edusp, 2023. p. 39.
- KEYLOR, William. *The twentieth-century world and beyond: an international history since 1900*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos. In: KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p. 107-111.
- MYRDAL, Gunnar. *An American dilemma: the Negro problem and modern democracy*. New York: Harper & Brothers, 1944. p. 48.
- PIMENTA, João Paulo. *Formação da nação brasileira*. São Paulo: Contexto, 2024. p. 1-27.
- RYFE, David Michael. Franklin Roosevelt and the fireside chats. *Journal of Communication*, Oxford, v. 49, n. 4, p. 80-103, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1999.tb02818.x>
- SCHILDKRAUT, Deborah J. Boundaries of American identity: evolving understandings of “Us”. *Annual Review of Political Science*, Palo Alto, v. 17, p. 441-460, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-080512-115837>
- SMITH, Rogers M. Beyond Tocqueville, Myrdal and Hartz: the multiple traditions in America. *The American Political Science Review*, [S. l.], v. 87, n. 3, p. 549-566, 1993.

O que significa “americano”? Uma análise dos *Fireside Chats* de Franklin Delano Roosevelt (1939-1941)

Resumo: Este trabalho dedica-se a analisar o conceito de “americano” nos discursos radiofônicos do 32º presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt. Serão utilizados três discursos situados entre 1939 e 1941, que integram as transmissões que ficaram conhecidas como *Fireside Chats*, características por sua tentativa de aproximar o presidente dos ouvintes e de conduzir os americanos frente às dificuldades do período. Serão discutidos demais conceitos que podem ser articulados como parte da ideia de “americanidade” expressa pelo presidente e as “palavras-forte” que integram a autodefinição dessa sociedade. Assim, será possível traçar uma análise de “americano” segundo os parâmetros da História Conceitual e examinar a concepção de Roosevelt diacronicamente, entendendo-a dentro de uma longa tradição intelectual americana.

Palavras-chave: *Fireside Chats*, Americano, História Conceitual, Franklin Delano Roosevelt, Estados Unidos.

What does “American” mean? An analysis of Franklin Delano Roosevelt’s *Fireside Chats* (1939-1941)

Abstract: This article is dedicated to analyzing the concept of “American” in the radio addresses of the 32nd president of the United States, Franklin Delano Roosevelt. Three speeches, situated between 1939 and 1941, will be examined, all part of the transmissions that came to be known as *Fireside Chats*. These speeches are particular in their attempt to bring the president closer to his audience and to guide Americans through the difficulties of the period. Other concepts will be discussed, which can be articulated as part of the idea of “americanness” expressed by the president and the “strong words” that integrate the auto definition of this society. Thus, it will be possible to conduct an analysis of “American” according to the parameters of Conceptual History and to examine Roosevelt’s conception diachronically, understanding it inside of a long-standing American intellectual tradition.

Keywords: *Fireside Chats*, American, Conceptual History, Franklin Delano Roosevelt, United States.

Recebido em: 06 de março de 2025
Aprovado em: 13 de julho de 2025